

A CIÊNCIA GEOGRÁFICA EM EVOLUÇÃO

JOÃO LUIS FRANCHI

Graduado em Geografia pela UNESP de Rio Claro.

A Geografia, como ciência sistematizada e institucionalizada, é fenômeno recente, surgido na segunda metade do século XIX, primeiramente na Alemanha, quando este estado-Nação estava em pleno processo de unificação. Contudo, o conhecimento é tão antigo quanto a existência dos primeiros agrupamentos humanos. O homem descobriu que o domínio sobre o meio em que vivia era um importante atributo para a manutenção da vida e dos recursos desses primeiros grupos. Posteriormente, com as civilizações mesopotâmicas, as sociedades que lá se estabeleceram viram a importância do elemento água, base de todo o desenvolvimento dessas civilizações, que floresceram às margens dos rios Tigre e Eufrates.

A civilização egípcia logrou grande esplendor ao explorar as terras férteis às margens do rio Nilo. Contudo, é na Grécia antiga que a Geografia começa a ganhar corpo, desenvolvendo-se quase simultaneamente com a Filosofia. Coube ao grego Estrabão usar pela primeira vez o termo Geografia, sendo Geo = terra e Grafia = tratado, estudo. Erastótenes, geógrafo grego e bibliotecário em Alexandria, conseguiu com incrível precisão, estimar o diâmetro do planeta e a Ptolomeu,

coube discutir a polêmica teoria do geocentrismo no século II d.C., que viria a ser um paradigma de verdade durante toda a Idade Média, superado posteriormente pela teoria heliocentrista de Copérnico, que Galileu Galilei veio a comprovar cientificamente.

Na América pré-colombiana, os incas, os maias e os astecas também desenvolveram técnicas geográficas extremamente sofisticadas. Na Idade Média, o saber científico ficou restrito ao saber eclesiástico, resultando num período de pouco desenvolvimento da ciência. Nesse período, uma das melhores escolas geográficas foi a dos árabes.

Com o advento da Idade Moderna, a ciência ganha impulso extraordinário e ocorre o fenômeno de especialização dos ramos de saber. No final do século XIX, com Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Friederich Ratzel e Elissé Reclus, ocorre a institucionalização da Geografia na Alemanha, surgindo a denominada Escola Alemã de Geografia, de caráter determinista. Posteriormente, já no final do século XIX e início do século XX, cresce a Escola Francesa de Geografia, de caráter possibilista e funcionalista, e que tem em Paul Vidal de la Blache, seu grande teórico. A geografia francesa foi uma reação à geografia alemã, sendo que esta era acusada pelos franceses de ser uma Geografia do poder, ligada aos interesses geopolíticos da recém unificada Alemanha. Os franceses propunham uma geografia neutra, onde os estudos regionais teriam grande influência.

No Brasil, a produção geográfica no período colonial esteve muito restrita. Portugal proibia qualquer tipo de manifestação científica, manufatureira ou comercial que pudesse ir contra os interesses mercantilista da metrópole, que via na colônia, uma mera fornecedora de matérias-primas. Esse

bloqueio imposto por Portugal durou mais de 300 anos. O tardio e desigual processo de desenvolvimento do País nessa área se reflete em nossos dias.

Em 1808, com a vinda de D. João VI e da corte portuguesa ao Brasil, é que as ciências começam a ter um pequeno impulso. No período imperial, principalmente no Segundo Reinado, o País recebe muitos cientistas estrangeiros - naturalistas, principalmente, que se impressionam com a diversidade da vegetação do País. É aí que surgem as primeiras classificações de plantas, solos, relevos e hidrografia do Brasil.

Contudo, o Brasil era um gigante fragmentado. Não havia integração nacional. Os sucessivos ciclos econômicos trouxeram apenas benefícios locais, restritos, não tendo o País ainda o sentido de unidade, de identidade nacional.

Esse País fragmentado e desconhecido de seus habitantes foi a tônica que imperou até 1930, quando era governado por elites agrárias que só visavam seus próprios interesses.

Com o início da Era Vargas, em 1930, o Brasil tinha ainda caráter agrário, porém já havia indícios de industrialização. É nesse contexto que, em 1934, é fundada a Universidade de São Paulo, inclusive com os cursos de Geografia e História. O governo Vargas iria se utilizar do conhecimento geográfico para fazer um levantamento do potencial do País, visando principalmente a expansão do sistema capitalista industrial.

Ocorrem então as primeiras regionalizações, que ficariam a cargo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, criado em 1937. A Geografia seria de grande importância para as planejamentos que buscavam integrar o País. Os geógrafos, principalmente nas décadas de 40 e 50, desempenharam grande papel. Muitos geógrafos da Escola Francesa, predominante até então, vieram para o Brasil, como Pierre Mombeig, Pierre Deffontaines e outros.

Como se vê, apesar do discurso de ciência neutra que era pregado pela Geografia Francesa, da qual a Geografia brasileira nasceu, o que vemos é a vinculação do saber geográfico com o poder do Estado, que necessitava do conhecimento geográfico para suas ações.

Além da Escola Francesa de Geografia, predominante no País até a década de 60, surgiram dentro da ciência geográfica novos paradigmas que viam no tradicionalismo e regionalismo francês um modelo ultrapassado. Surge então, uma Geografia denominada Teórica-Quantitativa, que recebe influências do neopositivismo e da Teoria Geral dos Sistemas. Dois grandes centros divulgadores dessa nova corrente foram o Rio de Janeiro (IBGE) e Rio Claro (antiga Faculdade de Ciências e Letras, hoje Unesp).

Posteriormente, ocorre a ascensão de uma geografia ligada a questões sociais, de espaços desiguais, dos sistemas econômicos, resultado da luta de classes - é a Geografia Crítica ou Radical, surgida como resposta à Geografia Quantitativa.

Diz Moreira (1994) que, numa sociedade estruturada em classes, a exemplo da sociedade capitalista, o espaço tem por conteúdo as relações contraditórias dessas classes. Na França, geógrafos como Pierre George e Yves Lacoste tiveram grande participação, principalmente na década de 60 e 70, com a divisão do mundo em sistemas capitalista e socialista.

No Brasil, o grande nome da Geografia Crítica é Milton Santos, geógrafo baiano falecido recentemente, que, após sua volta do exílio, em 1980, foi um grande divulgador e produtor da geografia crítica. Antes dele, Josué de Castro, na década de 50, com suas obras Geografia da Fome e Geopolítica da Fome, foi outro grande geógrafo brasileiro. Outras correntes também surgiram dentro da ciência geográfica como a Geografia Humanista ou da Percepção, a Geografia TêmporoEspacial e a Geografia ligada à ecologia.

Hoje, essas diversas correntes interagem, fazendo da ciência geográfica brasileira uma das melhores do mundo. Os grandes centros de pesquisa da Geografia no País estão ligados principalmente às instituições públicas de ensino superior, como a Universidade de São Paulo, a Universidade Estadual Paulista (Rio Claro e Presidente Prudente), a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Federal da Bahia e outras.

Entre tantos geógrafos que fizeram época no século XX, podemos citar Delgado de Carvalho, Aroldo de Azevedo, Aziz Nacib Ab Saber, Milton Santos, Josué de Castro, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, Antonio Christofolletti, Ruy Moreira, Berta Becker, Antonio Teixeira Guerra, Manuel Correia de Andrade, Jurandy Ross.

A Geografia deixou de ser uma ciência meramente descritiva, tendência esta ainda presente em muitos livros didáticos de ensino fundamental e médio. Ao contrário, é uma ciência participativa e que busca analisar as relações desiguais entre os homens e a conseqüente espacialização dessa desigualdade, sempre tendo em vista as relações com o meio físico. Utilizando modelos de análise como a paisagem, o lugar, a região, o território e, mais recentemente, as redes, a Geografia leva ao estudante ou pesquisadora compreender o espaço em que vive - o espaço geográfico, dando instrumentos de planejamento, de conscientização e de transformação para uma sociedade mais justa e participativa.

CONCLUSÃO

Neste início de novo milênio, marcado pela globalização da economia e pela mundialização cultural, a Geografia novamente aparece como poderoso instrumento de análise, e principalmente, de conscientização e alerta contra esse sistema que está aniquilando países periféricos como o Brasil. Esse processo reflete-se em muitas realidades geográficas como a própria urbanização.

Nas metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, o que vemos são *ilhas de riqueza* rodeadas por um *mar de pobreza*. No campo, os pequenos proprietários se rendem aos grandes complexos agro-industriais, voltados para uma economia de exportação. No mercado de trabalho, o que vemos é a impotência do Estado em oferecer oportunidades de trabalho, pois há duas décadas o País cresce pouco.

Na área social, Wacquant (2001) diz que a desregulamentação do chamado *Estado Social* só serve para a expansão do capital financeiro, sendo que contra as grandes massas de excluídos, surge um *Estado policial e repressor*, oprimindo aqueles que não contam na contabilidade nacional.

Portanto, a Geografia ressurgiu no século XXI como um instrumento que pode ser utilizado pelas sociedades como forma de mudança de paradigmas desse modelo consumista, que só elevou as desigualdades entre os povos, e que necessita uma resposta sustentável e equilibrada.

RESUMO

Este artigo aborda aspectos da ciência geográfica no Exterior e principalmente no Brasil, além de enfatizar a contribuição das diversas correntes geográficas que se foram consolidando através do tempo. Segundo Manuel Correia de Andrade (1987), a Geografia é a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza e como o espaço geográfico se organiza. A importância social da Geografia é acentuada ao se saber que cada sociedade, cada formação social gera um tipo de relação, de espaço. Atualmente, apesar do processo de globalização, que eleva o sistema capitalista hegemônico, o que vemos é a produção de diferentes espaços geográficos, fruto da própria diversidade das sociedades.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel Correia. Geografia: ciência da sociedade- Uma introdução à análise do pensamento geográfico. Editora Atlas, São Paulo, 1987, 143 p.

LACOSTE, Yves. Geografia do Subdesenvolvimento- Geopolítica de uma Crise. Difel, 7ª edição. São Paulo, SP, 1985, 335 p. MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. Editora Brasiliense, 14ª edição. São Paulo, 1994, 113 p.

WACQUANT, Loic. As prisões da miséria. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001, 174p.